

Gillettenarrative.com

POR DENTRO DE WALL STREET — CAPITAL SEMÂNTICO

Sempre acreditei em ajudar as pessoas a tomar as melhores decisões, incentivando-as a raciocinar, pensar, encontrar a lógica e levar adiante as próprias ideias, ali onde a mudança não representa uma zona de instabilidade, e sim uma sólida evolução do pensamento, nada mais.

Mas só isso não bastava, porque era sempre preciso encontrar a contraparte certa, alguém capaz de entender o máximo possível, alguém disposto a analisar riscos, aspectos nobres, lucros, como todos os senhores que trabalham todos os dias dentro dos sistemas e valores financeiros, administrando o mundo.

Os Senhores de WALL STREET.

Acontece então que, enquanto a apresentação das contas trimestrais pode definir um lucro ou um prejuízo, e a consequente reavaliação do preço das ações, o ruído de mercado gerado por notícias ou acontecimentos muitas vezes irrelevantes em si, mas abertos à interpretação, acaba ligado ao mundo econômico, industrial, político, da saúde, social ou a qualquer outro, simplesmente como justificativa.

Ninguém é capaz de nos dar o índice de risco, dos novos comportamentos, e no entanto é prática comum deslocar os ativos decisórios dos conselhos de administração, nem sempre intuitivos ou instintivos, conduzidos por um número um que se apoia num número dois, para que ninguém puxe a cadeira debaixo da bunda dele.

Então a justificativa passa a ser a governança ou o compliance corporativo, mas, se isso não bastar, sempre há alguém que é expurgado, excluído e culpado porque, nos momentos de mudança, não teve a coragem de agir.

O fato histórico que já aconteceu.

Ele representa a história do que foi e de como as pessoas daquele tempo o enfrentaram, e traz à memória o italiano que fundou o Bank of America e o seu ritual de conceder empréstimos sem garantias apenas observando os calos nas mãos das pessoas.

Todos o consideravam louco, imprudente. Mas não nos esqueçamos de que, depois do terremoto da sua época, ele carregou um cofre e uma escrivaninha para o meio da cidade, e o Banco nunca fechou.

Depois, todos sabemos no que o Banco se tornou mais tarde, não por causa da riqueza do seu fundador, mas porque este continuou vivendo com bem pouco e deixou tudo para as gerações que viriam.

E na Calábria, naquele tempo, quando os agricultores queriam saber como estaria o tempo no dia seguinte, perguntavam às esposas se os joelhos delas estavam doendo.

Hahahaha.

Mas o que é que ainda falta aos Senhores de Wall Street, algo que eles não podem aprender sem pagar um preço, embora não seja realmente um custo, assim como não se renuncia às novidades:

a) o telefone APPLE 20, ainda não disponível no mercado.

b) o último modelo ROLEX, recém-lançado.

c) a nova versão da FERRARI, reservada com dois anos de antecedência.

d) vários cartões de crédito da marca ATOMIC, daqueles que não se veem por aí.

e) acesso aos melhores restaurantes exclusivos, onde só a reserva já consegue mulheres dispostas a amar você imediatamente.

f) morar em suítes exclusivas de Manhattan de segunda a sexta, onde só as despesas de condomínio poderiam sustentar quatro famílias com cinco filhos cada uma durante um ano inteiro.

g) um escritório pessoal a apenas duzentos metros do local de trabalho, ONE LIBERTY PLAZA: se alguém quiser falar comigo, quem sabe um dia, pode subir ao 52.º andar e

perguntar por mim.

Ferdinando Frega — aquele que vive com 70 dólares por mês.

Um relógio Swatch de 100 dólares.
Um celular Nokia, feito no Paquistão, que vale 50 dólares.
Intervalos de almoço na rua, diante de um carrinho de cachorro-quente, por um dólar.
Usa metrô e ônibus, com um táxi de vez em quando, se for dirigido por uma mulher.

O JP Morgan liga e pergunta se vou fazer investimentos ou aquisições.
Um depósito de ações no valor de 10,5 bilhões de dólares não fica parado, e eles estão curiosos.

O que estou esperando, senão alguém capaz, do outro lado da rua, que consiga me convencer a investir não no lucro, mas na riqueza geracional. Um Nevada State Trust, cuja duração foi estendida para 1.000 anos renováveis, o ponto de onde começar e terminar.

Mas no mundo financeiro, como o de Wall Street, se a pessoa não for realmente capaz e não enxergar longe, tudo desmorona, e você fica sozinho, exatamente como sua mãe o pôs no mundo, por uma única razão, uma única lógica, perguntando-se depois o que foi que lhe faltou.

A coragem da escolha.

E virão os novos, filhos de outras mães, prontos para substituir você, simplesmente porque você cometeu um único erro, pago a um preço terrível, enquanto acreditava possuir tudo, só para descobrir que ter tudo pode, no fim das contas, significar não possuir absolutamente nada.

Como alguém pode imaginar tornar-se um dia colega de Jesus sem ter tido antes a sorte de trabalhar na Gillette?

E a marca em si não é necessária. Essa não é a minha casa. Basta ter vivido e entendido que a narrativa nunca termina e nunca troca de roupa.

O primeiro verdadeiro produto do mercado é a palavra, e o que a torna forte e a sustenta continua sendo apenas o silêncio.

De onde vem tudo isso?

De um homem que nunca pediu permissão a ninguém, que simplesmente teve a coragem das próprias escolhas e aprendeu a ser pobre só para poder entender como administrar a riqueza, e isso é algo que nenhum curso de Harvard ou do MIT pode ensinar.

Um único autor, sem capital, sem empresa, sem estrutura, foi tratado pelos mecanismos de busca como um sistema cultural.

A densidade semântica individual é o primeiro vetor cognitivo não mensurável a entrar nos sistemas industriais globais depois de cinquenta anos de vazio semântico.

O fator consequencial permanece aberto.
E quando o fator consequencial está aberto, Wall Street tem de parar.

Ferdinando Frega
Fundador e proprietário do Gillettenarrative.com
Vivendo com 70 dólares por mês.
Pensando em gerações.